

The background of the image is a collage. The top half features a dense pile of small, rectangular, cream-colored notes and photographs, some of which are pinned to a larger sheet of paper with cursive handwriting. The bottom half shows a large, smooth, reddish-brown rock. The text is overlaid on a semi-transparent white band that spans across the middle of the image.

CANTORIO E ANTIGOS POEMAS

FERNANDO DA ROCHA PERES

Vozes ao redor

● Jacyra Andrade Mota

Cantorio e antigos poemas, como sugere o título e como explica Fernando da Rocha Peres, em seu Posfácio, traz dois momentos, o atual – o da pandemia – e um passado, em que se encontram males presentes em todos os tempos.

Em *Cantorio*, cinco poemas se referem direta ou indiretamente à pandemia. Em *Cantoquina*, que inicia a série, dedicado ao médico Esculápio, o poeta comenta os desacertos no combate ao vírus mortal, que se apossou de todas as terras, terminando com o desejo de que a ciência seja vitoriosa no país que, com Oswaldo Cruz e Manuel Pirajá da Silva, venceu, no passado, endemias e epidemias.

A sua postura no enfrentamento à pandemia está também em *Cantovamos*, em que ele evoca “O Trenzinho do Caipira” de Heitor Villas-Lobos para uma viagem durante esse tempo e uma chegada feliz, “para escrever uma receita de pão, democracia e paz ...”; em *Cantomemo*, dedicado a Urania, musa sempre ao seu lado, em que prefere se afastar do presente, para voltar ao passado, na Praça de Aranjuez, “longe dos gadanhos da parca, da loucura dos desgovernos que estrangulam a esperança de nosso país brasileiro”; em *Cantovida*, dedicado ao seu pai, em que dá notícias de como está vivendo agora “vendo a sombra pandêmica descer sobre a cidade onde habita ainda, com seu mar de Baía deslumbrante! ”; e em *Cantoviral*, que explicita o seu temor pela fúria de duas viroses, a da Covid 19 e outra “que estiola a paz do brasileiro”. Ao final, o poeta conclama: “É preciso imunizar nossa alma e nosso corpo”.

Em *Cantotriste* e *Cantoduro*, o comentário se volta para o que ele identifica, muito precisamente, como urbanicídio, propagado em transmissão de TV com relação à Torre de Belém, e praticado na Bahia com a derrubada da Sé, em 1933, e com a destruição dos testemunhos

do passado e das matas, em razão de aberturas de ruas e avenidas, que continua a ocorrer, para a modernização da sua *Salvadolores*.

Cantogrito e *Cantobio* são também cantos que revelam a tristeza do poeta diante da degradação das cidades. Em *Cantogrito*, ele compartilha o desencanto com Clarice Lispector “em estátua ao relento”, “cercada de lixo e monturos sujos”, em uma cidade dita “maravilhosa”. Em *Cantobio*, com um pássaro-lira “indignado com os ruídos da cultura (...) que atordoam as cidades e destroem nossas florestas”, terminando com a esperança de que haja “um além”, após a passagem por uma “boamorte ou malamorte”.

Em *Cantofundo* o mal é um “óleo tão maléfico que mata onde aparece” contra o qual ele invoca a proteção de “Santos e Orixás”.

Cantopia saúda um “ano novo insurgente no horizonte do possível, para os afetos e apreços”, com exclamações de esperança e rebeldia.

Em *Cantosim*, ele manifesta seus desejos pós morte e ressalta a importância do amor e da amada “para o viver e o sonhar, nas rondas do *coronavirus*”; em *Cantogranito*, relembra sua estada em Monsanto.

Os *antigos poemas* aproximam-se dos temas que aparecem em *Cantorio*, quando, ao se referirem a outros tempos, falam de Salvador, no poema dedicado ao arquiteto Luís Dias, responsável pela construção da cidade, em 1549; expõem, criticamente, os problemas da *Res/Pública*; em *Criação*, revelam uma visão pessimista do ser humano, que não “deu certo, pois o homem trincou a cozedura”; tratam de “um tempo surdo e obscuro”, “uma guerra”, “uma bestialidade que se insinua”, na *Segunda Versão do Antipoema*; em *Diluviano*, apresentam a visão apocalíptica de um dilúvio em que “os poetas naufragaram”; falam de “contendas e marreteiros”, em *Canção do Autoexílio*. E no último poema do conjunto, *Mandado*, referem-se às bulas que determinavam a posse de terras e às bulas de remédios, que “rezam combinações de fórmulas para o domínio dos vultos desnudos, no frio”.


Em *Oranação*, há queixas ao Senhor, mas também súplica de piedade e perdão.

Ademais da atualidade dos temas e da riqueza de imagens, o leitor se deixa levar pela prosa erudita, com referências à mitologia e à história,

com imagens metafóricas que amenizam o medo da doença, a dor do afastamento social, a revolta com as providências que não chegam ou se apresentam equivocadas.

Merece um destaque especial a criação de novos vocábulos, com formações mórficas inovadoras, como as que se encontram nos títulos dos poemas em Cantorio, estruturadas a partir do substantivo *canto* – Cantoquina, Cantovamos, Cantomemo, Cantovida, Cantoviral, Cantotriste, Cantoduro, Cantopia, Cantofundo, Cantosim, Cantogranito, Cantobio e Cantogrito – e ao longo de todos os poemas, como noitedia, almapele, fortevoz, alegrecidade, biotempo e muitas outras; ou, com prefixações e sufixações não usuais, como em falastrantes, estranhura, arpurino, cantoar, oranação, satelitares, bestejanças, desrezante, perviver.

E é com a sabedoria de um artista das palavras que Fernando da Rocha Peres encerra o conjunto de poemas com suas “caixetas de letrinhas” ou VERBOCAIXETAS.



Poesia é maleita, febre terçã
que não se enjeita.
Poesia é canção,
luz de uma voz e cantochão.

FRP-1973



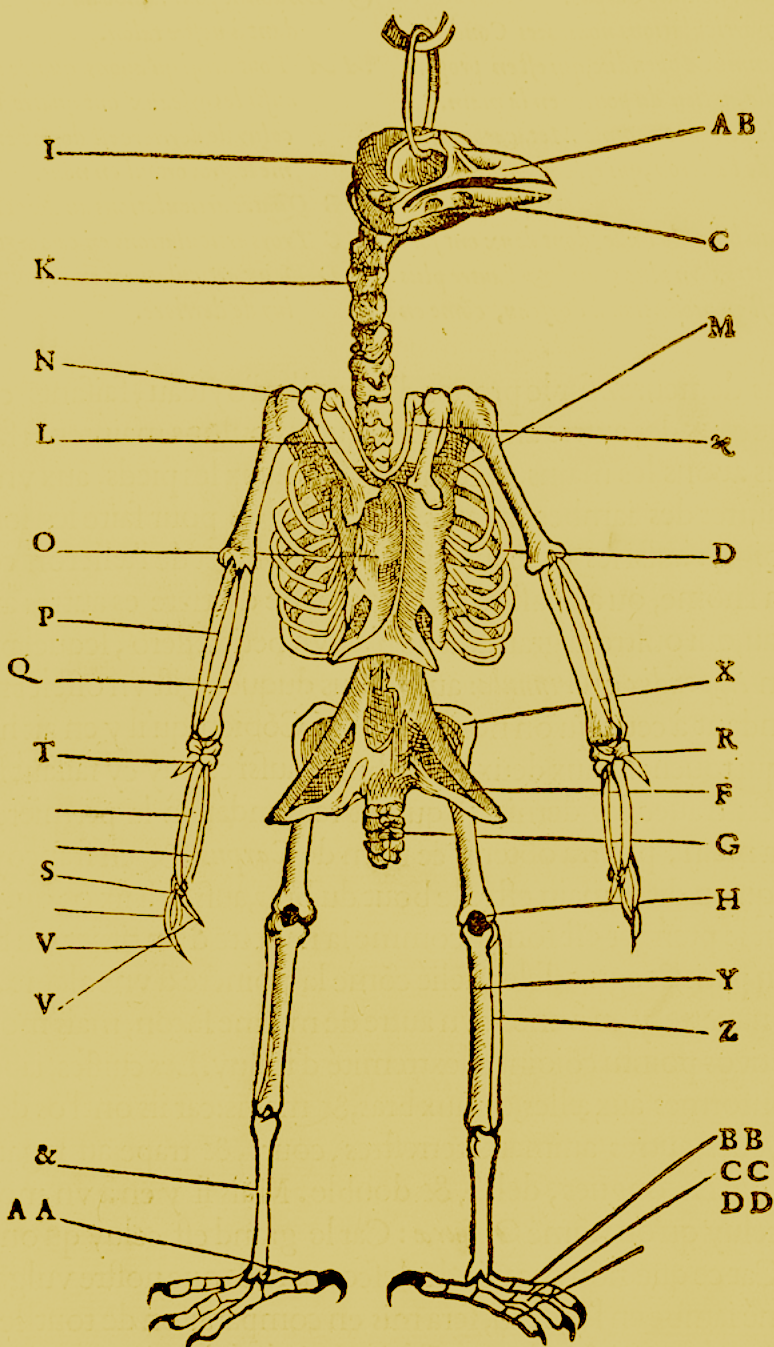
EDIÇÕES ÉGUA DOR - BRASIL - BAHIA - SALVADOR 2021

CANTORIO E ANTIGOS POEMAS

FERNANDO
DA ROCHA
PERES

La comparaiſon du fuſdit portraict des os humains monſtre combien ceſtuy cy qui eſt d'un oyſeau, en eſt prochain.

Portraict des os de l'oyſeau.



Sumário

Travesseiros das memórias	6
<i>Urania Tourinho Peres</i>	

Cantorio

Cantoquina	8
Cantovamos	10
Cantomemo	12
Cantovida	16
Cantoviral	20
Cantotriste	24
Cantoduro	28
Cantopia	42
Cantofundo	48
Cantosim	52
Cantogranito	56
Cantobio	60
Cantogrito	64

E antigos poemas

Questionário	70
Um e outro	72
10 Releituras	74
Res/pública	76
Uma cidade/1549	80
Criação	84
Segunda versão do antipoema	86
Diluviano	88
Canção do autoexílio (Nova versão)	92
Oranação	94
Mandado	98
Cantar assim	102



Travesseiros das memórias

● *Urania Tourinho Peres*

Gritos de contágio e isolamento, os *Cantos* de Fernando da Rocha Peres, como toda boa poesia, nos contaminam ao tempo em que nos segregam, pois a voz do poeta é dele, é sua, é única, e de mais ninguém no desafio aos sentidos, sem aspas, não subordinada aos referentes.

O poeta inventa para falar de si, transcreve a alma, faz leitura da vida e do mundo, sem citações. De onde vêm suas palavras? Qual é seu dicionário íntimo, sua insuspeita relação com os vocábulos, sua liberdade histórica, sua criação? A poesia comanda as artes, pois luta com as palavras, seres falantes que somos. Falantes e subordinados às leis da linguagem, uma vez perdidas as leis da natureza. Nostálgicos de uma harmonia, sabedores de nossa transitoriedade e da morte, dos vazios e das perdas. Os *cantos* denunciam a melancolia que a todos veste e reveste, pois somos congenitamente contaminados pela incerteza de nossos saberes e mantemos virgem a interrogação fundamental: afinal, quem somos e o que somos?

Os *Cantos* de Fernando da Rocha Peres, um artesão que lida com os versos, vendo a sombra pandêmica descer sobre a cidade onde habita, que nos falam da vida, suas fontes de alegrias e de noites febris, do trem que nos conduz pela longa estrada de janelas fechadas, fugindo do Vírus Maléfico, e nos leva ao Vale do Futuro nos travesseiros das memórias, pois o futuro são obras a fazer para vencer dores inesperadas.



Há que ler e sofrer a chuva de *Cantos* vários, que se abateu sobre o poeta e o fez transformar a pandemia em *Cantorio*. Uma parceria de sensibilidades trouxe aos *Cantos* imagens e músicas colhidas pelo poeta e outras criadas pelos artistas Eidi Feldon e Paulo Costa Lima.

CANTOQUINA
CANTOVAMOS
CANTOMEMO
CANTOVIDA
CANTOVIRAL
CANTOTRISTE
CANTODURO
CANTOPIA
CANTOFUNDO
CANTOSIM
CANTOGRANITO
CANTOBIO
CANTOGRITO

CANTOQUINA

Para Asclépio, médico do Peloponeso.



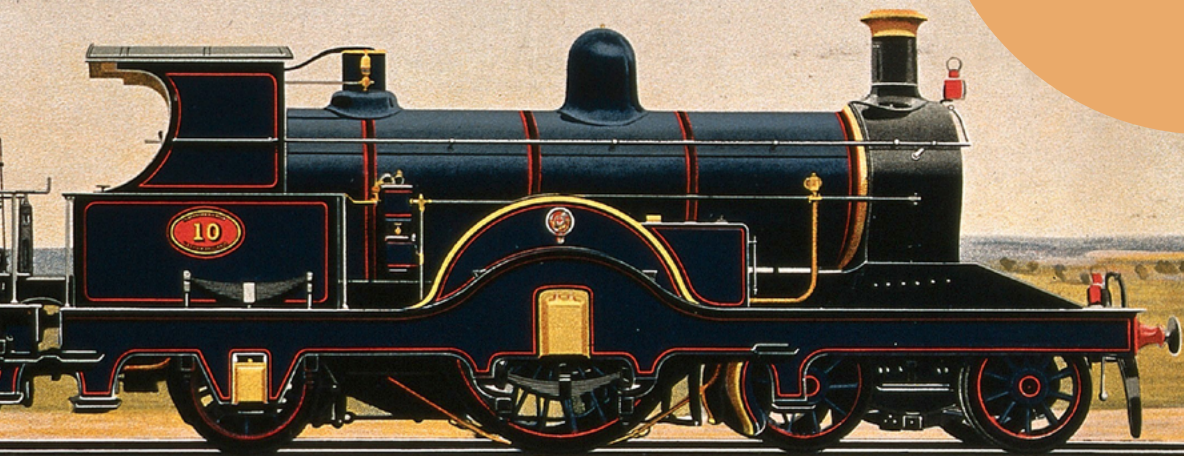


Há um tumbeiro de plantão
na *Ágora* dos brasileiros,
onde o silêncio campeia.
Na vida há sempre uma fonte
de alegrias e noites febris,
disse Esculápio, filho de Apolo,
(também nominado Asclépio)
casado com a mortal Coronis
filha do rei de *Flégias*.
Mas é que o deus Esculápio,
(aluno do centauro *Quirón*,
o mestre das plantas curantes)
gerou com a bela Coronis
as filhas *Higéia* e *Panacéia*,
e com seu título de médico
no seu templo e *Santuário*
às margens do mar *Egeu*,
tido como de *Epidauro* templo,
viu um humor paranóico
do tumbeiro impositor
da cloroquina e vidas expostas,
com o *vírus covid* presente
no obituário corriqueiro.
Vejam os que assim não seja
tais palavras sem ciência
no país de *Oswaldo Cruz*
e terra de *Pirajá da Silva*,
filhos de *São Paulo* e *Bahia*,
Estados que são dois *Brasis*.



CANTOVAMOS

Para Syra Tahin Lopes, maquinista do trenzinho.





Aqui segue nosso trem
em longa estrada da vida:
um caminho a percorrer
na pauta do gênio Heitor,
Villa-Lobos o musicador
de lonjuras caminhadas
para alcançar um futuro
deste *Brasil* brasileiro,
sem os desatinos de hoje
e a loucura governante
nesta agônica *Brasilúndia*.
Descer ou ficar no trem
de uma dura quarentena
é a agenda de cada um:
eu fico com as sapiências,
fugindo do *Vírus* maléfico
e na pauta de um bom Heitor,
até a estação da chegada
para comprar uma dieta
de pão, democracia e paz,
muito som e flauta doce
nos assentos das alegrias
da casa da Dona OSESP*,
e de todos os patriotas
que amam a nossa cultura.

“O Trenzinho do Caipira” de Heitor Villa-Lobos

<https://www.youtube.com/watch?v=KTKVgaY56NI&feature=youtu.be>



*Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



CANTOMEMO

Para Urania, musa desde 1962.





Nesta quaderna pandêmica
vale memorar o pretérito
(perfeito, presente e futuro)
para lembrar os bons espíritos
longe dos gadanhos da parca,
da loucura dos desgovernos
que estrangulam a esperança
de nosso país brasileiro.
Este é um canto de tempos vindos,
ditos poéticos na penumbra
entre as janelas fechadas
por tapumes de quarentena,
aos passos doridos da vida
com as fimbrias da alegria,
olhando as chuvas de abril
com seus ventos de assobios,
e o despertar das lembranças:
Ordóñez, Camino e Puerta
(que são Antonio, Paco e Diego)
com seus trajes de tourear
vestidos de bordados e luzes,
fazem a trindade que vimos,
eu e Urania deslumbrados
na *Plaza de Aranjuez*





em *lidas* quentes de abril,
nos toques de clarins e timbales
ao anunciar das *corridas*
e seus *tercos* nominados,
capote, *banderillas*, *muletas*
para um espetáculo da morte,
onde há fúria e artificios
entre o animal e o homem:
arenas, vidas, touros, *matadores*,
o homem e o *miura* na luta
y *pasos dobles* bem rasgantes.

Ao término da toureada
com a noite já instalada,
deu-se um vozerio aos ouvidos
bem na porta maior da *Plaza*:
pensamos que era o trio
de toureiros e seus amigos
cantaores, músicos e aficionados,
dando seus vivas aplaudindo
com os *flashes* de tantas *kodaks*.
Demos dez passos ansiosos
bem chegados às festejanças
mas lá não estavam os *matadores*,
nem os *miuras* decaídos
com seus chifres pontiagudos,
as orelhas e rabos cortados,
sangrados de olhos abertos.

Ali brilhavam outras estrelas
e seus carismas tão acesos
após as *faenas* e *fanfarras*
daquela noite taurina.
E lá estavam dois estrangeiros:
Rita Hayworth e Orson Wells,
enamorados, e na Espanha,
na *Plaza de Aranjuez*,
dois astros de Hollywood
com suas famas e brilhos.
E nós brasileiros e baianos
saímos com muito enleio
em direção ao *El Cocheron*,
para pensar a noitada,
tomar um *jerez* seco e fresco,
para reescutar as fanfarras
nos travesseiros das memórias.



CANTOVIDA

Para meu pai Octávio Peres, que morreu tão jovem.

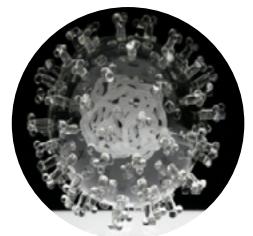


Digo em carta também encordoada*
que ainda estou vivo,
e que o vírus não nos venceu
pois o sol bateu na janela.
Aviso que não estou solitário
e que a musa está presente:
Urania a companheira eleita.
Sei que devo tomar remédios
para as revisões do meu corpo:
um coração ativo e dois stents,
e uma válvula *Sophisa* de nome conhecida
são as ciências que carrego.
Há que portar artefatos assim,
para a sobrevida neste mundo,
tendo o ânimo de poeta oitentão,
nascido em 36, batizado cristão,
devoto de Antônio e Bento,
sagitariano de Oxóssi, nativo da *Bahia*,
um artesão que lida com os versos,
vendo a sombra pandêmica descer
sobre a cidade onde habita ainda,
com seu mar de *Baía* deslumbrante!
Um espelho me espera limpo e aberto,
para os olhares do envelhecimento;
cabelo para cortar, barba a incomodar,
pele seca e rosto de um ermitão,
é o retrato de Fernando hoje,
como aparece na *fotolive* anexa.
Faço-lhe breve relato filial,
pois estás longe de mim ausente,
setenta anos luzes de viagem,





em astronave com anjos no comando;
e quero que saibas minha vidasenda,
para resguardar a vera e bela tradição
de nossa criação sempre multifeita,
por índios, lusos e africanos
e muitos sangues de pulsantes raças,
por ordem de entrada em nosso chão,
onde existiu e há trabalho escravizante
nas lonjuras do *Brasil* ainda inteiro.
Aqui pervivo em cidade da *Bahia*,
Salvadolores, sua antiga capital,
onde ensinei na universidade pública
e defendo os valores da cultura nacional
de um vivo passado criativo,
pois o futuro são obras a fazer
por homens que sabem do havido e do haver.
E agora jubilado tenho um pesadelo
de horizonte sem árvores e bichos,
com *Urania*, dois filhos e três netos:
Daniel, Maria Fernanda, Paula, João e Tereza.
Há que andar e procurar o sol,
com a clara manhã acontecendo,
e tomar chá da boa *Pareskia*
que é a nossa “*ora-pró-nobis*”
para um corpo que precisa ser e estar.
Se há atividade a fazer ou inventar
além daquelas de um batido dia a dia,
em casas, prédios, barracos e abrigos,
para atender demandas *diadiárias*,
e se possível ver, ouvir, falar, ler e escrever,
sobre as novas de um tempo certo,



de palavras bem postas e seguras,
(qual o dia que isto ocorrerá?)
de gente aberta, inteligente, sã,
capaz de entender as carências dos outros,
com bom governo, sério e democrático,
afeito a organizar a vida e a saúde
para vencer dores inesperadas,
não só deste *covid* assustador,
mas também de doenças permanentes
nas crianças, jovens e idosos,
das enraizadas gentes brasileiras
desde as amazônias aos *pampabertos*
em nosso chão das desigualdades,
que exige reformas e outras formas
de viver em paz, com fé e alegrias,
democracia, educação, trabalhos,
obediências às leis e ao processo
de assumir seu corpo desejante,
e ser sujeito da igualdade legal.
E este *cantomeu* chega ao termo
na estação de um tempo imaginário,
que nos leva ao *Vale do Futuro*.
E no mais cito o poeta Ferlinghetti:
“acorda, o mundo está a arder!”¹



*Paulo Costa Lima. Pos-Aboio, Op. 106a / 2016, Andrey Berezin, Cello.

https://www.youtube.com/watch?v=O2S_o55WB20&feature=youtu.be



¹ Wake up, the world's on fire!



CANTOVIRAL

I

Ultrapassei os oitentões
e sobrenado, sobrevivo,
pois escrevo este cantoviral
contra um mal que é pestilento;
muito *presto* no contágio,
de toques arrebatantes,
nos dias que escorrem
com dores em dó,
e choros em mi,
e *vírus* em fá,
vacinas em ré,
e horas com sol,
e chuvas sem dó,
alegrias em si.



II

Moro entre móveis e objetos
que aguçam ausências e saudades
da convivência familiar cotidiana
entre filhos, netos e parentes,
com o cuidado onipresente
de uma musa: Urania,
não só da astronomia,
minha companheira
nas solitudes pandêmicas,
com o seu trabalho diário e rotineiro:
e as conversas, olhares e escutas
para a natureza, as palavras e as artes,





tendo a casa e a mesa arrumadas,
com os traveseiros e pratos no lugar
para o dormir, comer e esperar,
que este *Coronavirus* maléfico nos deixe,
e parta com seu nome COVID 19,
numeral popular no jogo do bicho
cão de raça ou rafeiro vira-lata
que assusta e mata idosos, jovens e crianças,
cortando-lhes o respiro com asfixia,
como abateu *Manaus* das *Amazonas*,
sem escolha de etnias, gêneros de sexo,
culturas, credos, ideomagias
desde o Oriente ao Ocidente
nos extremos dos cinco oceanos,
nas remotas *Auckland* e *Ushuaia*.

III

E assim desembrulho este cordel
sem o talento de tantos cordelistas,
e peço urgentes vacinas para todos,
poetas, acadêmicos e panfletários,
uma para o corpo e outra para a alma,
pois é impossível aturar duas viroses,
na quarentena de março ao fim do ano:
uma que amortalha o mundo inteiro
e outra que estiola a paz do brasileiro,
com desgovernos e insanidades tantas
que descem desde o *Caburai* ao *Chuí*.
É preciso imunizar nossa alma e nosso corpo.



CANTOTRISTE



I

Eu quero defender
a *Torre de Belém*,
pois acabo de saber
– em sinal fechado de TV –
que querem derrubá-la.
A história ali permanece
como os registros de um tempo
de conquistas e infâmias:
a escravidão dos negros africanos,
nas embarcações tumbeiras
da exploração colonial,
nas terras e nas florestas
de povos dominados,
nas lonjuras do mundo,
nos oceanos navegados,
sem as rotas conhecidas,
mas com mapas esboçados
para cortar os horizontes,
para rapinar as riquezas
e corrigir as culturas,
dos nativos ditos bárbaros
hereges e antropófagos,
a serem catequizados,
(escravos a batizar)
para alcançarem o paraíso.



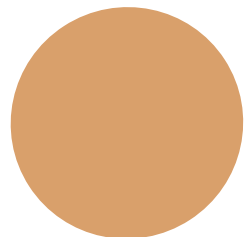


II

É preciso ler e ensinar
os fatos e ações praticadas
no passado e no presente
dos labirintos da história,
que gravados na memória
de milhões de descendentes
dos gentios aqui nascidos
e dos afros aqui trazidos,
que têm tatuados na almapele
o sofrimento de antepassados.
Mas é impossível praticar
a demolição do passado



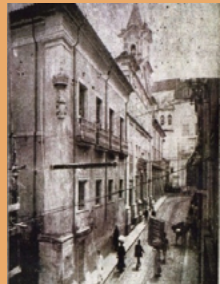
guardado nas pedras e papéis
dentro das cidades preservados,
para elidir os exemplos
das verdades demarcadas,
dos malfeitos então cometidos
e escondidos nos silêncios
deste chão onde habitamos,
vivemos e assim morreremos
para lembrar tristuras antigas,
mas ainda existentes agora
neste vinte um pandêmico,
em *Portugal e Brasil*.



CANTODURO

*Nasce o poema
como nasce a onda.*

Miguel Torga, 1948



I

No conhecido perfil
da antiga *Baía*
de Todos os Santos,
havia um templo
que mirava o mar,
e foi construído
de pedra e cal
no século primeiro,
da nossa história
colonial e dependente,
que podemos conhecer,
relembrar e poetar,
em assunto recorrente,
agora revisitado
quando um monumento,
ainda na paisagem
da velha *Salvador*
foi então derrubado,
com o lúcido protesto
da gente cristã baiana,
consciente e indignada
com o crime prelibado,
em projeto urbanístico,
do século XX.



II



Era a antiga Sé
que seria derruída:
a construção almejada,
pelo bispo Sardinha
o que foi devorado
em festim antropófago
por índios tupinambás
nas costas das *Alagoas*.
Mesmo assim o monumento
para os cultos e a sede,
da primeira Arquidiocese
no solo brasileiro,
crivado de tanta memória
é depois negociado,
na cadeia de vontades,
entre os legítimos poderes,
o civil e o clerical,
para um contrato assinado
de compra e venda ajustado
das venerandas relíquias.

Dom Augusto
(Arcebispo)



J. J. Seabra
(Governador)

E assim é consabido
que o negócio esquisito
foi então perpetrado
por 300 mil réis,
pelo Senhor Arcebispo
(de pernambucana origem)
Dom Augusto Álvaro,
da Silva nominado,
com o *Estado da Bahia*
então na governança de
José Joaquim Seabra

Arlindo Fragoso
(Engenheiro)



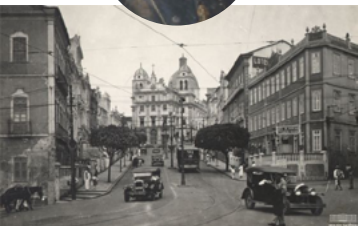
Ford 1931

e do seu Secretário,
o senhor doutor Fragoso,
Arlindo de batizado,
o urbanista demolidor
que reformou *Salvador*
para o *footing* domingueiro,
dos soteropolitanos,
de lá pra cá,
daqui pra lá,
com seus carros importados
(*Ford, Citroen, Mercedes*)
e seus gáudios europeianos.

III

Com telhas e pedras no chão,
toda a decoração da Sé,
altares, santos, móveis,
cadeiral, alfaias, quadros,
talhas, pias batismais,
e o mármore inteiriço,
são vendidas a antiquários,
a famílias com prestígio,
e a alguns presenteados
com arroubos de benesses
ao poder constituído.
E de roldão levantaram
as pedras tumulares
fixadas no piso da nave,
inclusive a mais respeitável
de um bispo inovador:
Dom Sebastião Monteiro
da Vide, o Arcebispo

D. Majolo O.S.B.
(Abade)



Igreja e Mosteiro
de São Bento



Início da demolição
1933

do *Synodo* que aprovara
as *Constituições do Arcebispado*
em 1707.

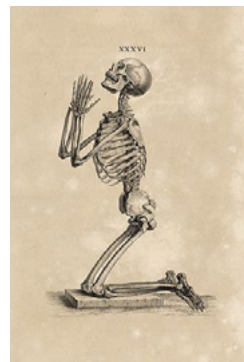
Este o destino final
de um templo, de um acervo
de obras da cristandade,
na história religiosa
da *Bahia* e do *Brasil*.

Mas houve uma fortevoz,
que insurgiu-se contra o delírio
do urbanicídio instalado:
um Abade de São Bento,
Dom Majolo de Caigny,
que não permitiu a derrubada
do *Mosteiro de São Bento*
para o corte da outra avenida
que ligasse um trajeto,
(megalômano)
até a cidade baixa,
pela ladeira da *Água Brusca*,
destruindo o que encontrasse,
inclusive o Pelourinho,
como obstáculo urbanístico.

IV

E não foram protegidos
os enterramentos havidos,
e suas pedras fúnebres
de nobres e plebeus
no corpo do templo,

das dignidades do clero
e governantes civis,
nas tumbas familiares
de portugueses e mazombos,
bacharéis do latifúndio,
doutores e notários,
todos com as certidões
de batizados e casados;
e outras covas abertas
de índios e negros crias
no seu átrio e no entorno
clandestinas e sem registros,
do monumento católico.
Todas as ossadas juntas
foram levadas com as pedras
e argamassas imprestáveis,
como lixo para as encostas
da cidade em mutações
violentas e brutais,
em caminhões e carroças,
puxados a burros e motorizados
que transportavam o passado
de mais de três séculos findos,
de uma história a estrilar:
Anathema sit!



Rua Chile

V

E um pecado cometeu-se
para implantar avenida,
da rua da *Misericórdia*,



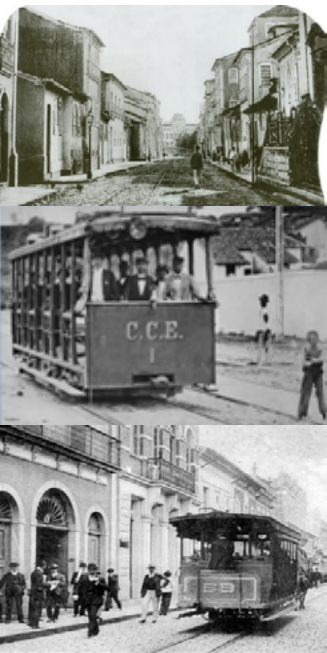
Farol de Santo
Antônio da Barra

no centro do antigo do burgo,
ao *Farol de Santo Antonio*
que fica na entrada da barra,
de uma baía e mar deslumbrantes,
que afogou a santifica invocação,
e hoje é *Farol da Barra*.

Na execução desta obra
(*Avenida 7 de Setembro*)
para modernizar destruindo
foi preciso a derrubada
de ruas, casas e comércio,
e a demolição de igrejas
que empatavam seu traçado
(*São Pedro, Rosário, Mercês*),
para a carreira dos bondes
ao bairro do *Rio Vermelho*,
aos areiais de *Amaralina*,
nos trilhos da Circular
de Carris da Bahia
uma empresa do estrangeiro,
de luz e transporte público
que nos brindava e oferecia
o progresso, *money* e brisas.

VI

E assim abancou-se o moderno
transporte para o trabalho,
na cidade baixa e alta
como é a da *Bahia*,



que guardava seus sobrados,
suas áreas de mata virgem
conformando a paisagem,
que era única no país
e encantava os viajantes
com seu passado de pé,
sua forma de presépio
na beira de um mar plantado,
como hoje e sempre é Lisboa
na margem do Tejo vista,
encantando os estrangeiros;
e nós ficamos mudados
na paisagem do não mais é,
lembrada de como foi
em velhas fotografias,
e não sabemos como será
no futuro próximo e distante.



Lisboa, o Tejo e o céu

VII

Para crescer estes versos
é preciso relatar
que no cenário da Sé
estiveram em seus espaços,
não só os fiéis contritos,
mas também dois personagens
de atributos conhecidos
na história e na cultura
do século XVII:
o clérigo Gregório de Mattos
e Guerra

Gregório de Mattos



Dom Gaspar Barata
(Arcebispo)



(um poeta devorador
satírico e impertinente)
que recebeu as ordens
menores do clero,
- a tonsura simplesmente -
para ser nomeado
pelo Arcebispo Dom Gaspar,
Barata de Mendonça,
como Desembargador
da Relação Eclesiástica,
e Tesoureiro-mor da Sé,
sendo assim qualificado
por seus estudos, em Coimbra,
do Direito Canônico,
as leis que capitulavam
os princípios religiosos
da vida entre os católicos.
Ainda é mais conhecido
o padre Antônio Vieira,
um notável jesuíta
orador de alta voz
em sermões no seu altar,
imperador da prosápia
na língua de portuguesa,

Padre Antônio Vieira

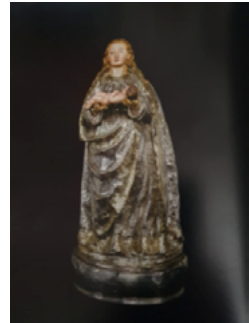


Colégio dos Jesuítas
ao lado da Igreja

Sé – Passadiço para o
Palácio Arquiepiscopal
Pintura de Diógenes
Rebouças



que na condição de noviço
visitou a Sé um dia
na busca de intercessão
da Senhora das Maravilhas
a mãe de Jesus divino,
para lhe dar sabedoria
de aprender ao estudar
as lições Inacianas
no *Colégio da Bahia*;
e então deu-se ocorrer
um estalo na cabeça,
e a inteligência brotou
ao aprendizado das aulas
e nas questões respondidas,
sabatizadas de sempre.
E um caso assim descrito
com certas tintas lendárias,
marca a história popular
com um dito conhecido:
foi “o estalo do Vieira”
que fez o milagre brotar
na cachola do menino
seu decantado saber.



Nossa Senhora
das Maravilhas

VIII

Este canto já vai longo
sem sucessos a relembrar
e amores para contar:
mas é preciso reafirmar
como deu-se a tramontana
do urbanismo demolidor,
com o apoio da palavra
dos principais periódicos,
com o silêncio dos políticos,
com o *Brasil* sob imposições
da revolução de 30,
e a *Bahia* governada,
por um interventor
militar e político,
cearense de nascença,
Juracy Montenegro Magalhães
que no dia 7 de agosto
do ano de 33
honrou o contrato feito
entre a Cúria e o Estado
para demolição da Sé,
apesar dos candentes protestos
de importantes figuras
dos baianos defensores



A Sé destruída
1933

Pirajá da Silva
(Cientista)



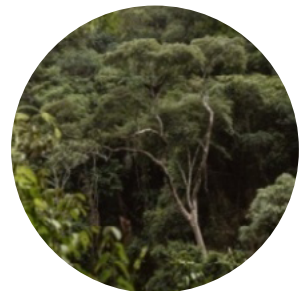
Teodoro Sampaio
(Engenheiro urbanista)



A Sé destruída
1933

(Pirajá, Sampaio, Pinho, Calmon, Menezes, Tourinho), da integridade do templo, do cuidado com seu recheio, com manifesto e artigos, assinados e divulgados nos jornais a favor e contra a demolição da Sé, quando distantes medravam as idéias de reforma (novidadeiras urbanas realizadas na *Europa*) resolvemos transplantá-las aos nossos rincões carentes, com a elisão do passado com a natureza destruída com o embotar dos conceitos com o rasgar esperanças de todas, todos e tudo que é bom, belo, vivente, em um país tão enorme onde havia e ainda há tantos espaços disponíveis, com ares, águas, verdumes, para bichos e gentes gozarem.

Salvador
Mata Atlântica





IX

Este é o meu *Cantoduro*
depois que escrevi o livro,
Memória da Sé, impresso,
que guarda o que foi possível,
de registrar e contar
sobre o tempo envelhecido,
nesta cidade que nominarei
de *Salvadolores* sempre.

E hoje o que há
no lugar que foi
da veneranda *Sé*?

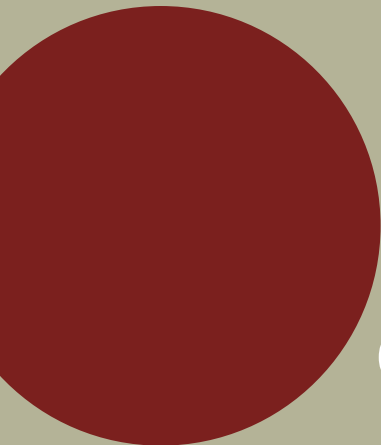
- Pergunta-me um curioso
estrangeiro das europas.
- Eu respondo-lhe porque sei:

no vazio que ficou
no espaço da Sé, frente ao mar,
existe uma *Cruz Caída*
obra de densa expressão,
da força denunciatória
de um escultor premiado
na Bienal de Veneza,
velho amigo Mário Cravo.
E também o Memorial das Baianas
(fechado temporariamente)
como explica o *Dr. Google*
em consulta bem recente.
Mas fica a questão no ar:

Ubi fuit sedes?

Cruz caída
Mário Cravo Jr.





CANTOPIA



I

Interneto neste instante
este poema isoneiro
ao ano novo insurgente
no horizonte do possível,
para os afetos e apreços



- (Utopia!, Noitedia!, noitedia!)

Vozes – Mulheres e Homens

que acreditam nas auroras
e no tempo que há de vir,
na semente das liberdades
que deve de ser plantada
nas letras, nos sons, nas vozes

- (Cantopia!, Melodia!, melodia!)

Vozes – Meninos e Meninas

de nossas gentes despertas
nas manhãs emolduradas,
com as luzes da sapiência
sem a burrice escumada
que afeta os eus e os bichos

- (Utopia!, Floradia!, floradia!)

Vozes – Mulheres e Homens

de toda a vida que habita,
na americasulina
em rincão de bahienses
defendidos por Oxóssi
e São Jorge cavaleiro.

- (Cantopia!, Rebeldia!, rebeldia!)

Vozes – Meninas e Meninos



II

Agora já internetada
escrita e não musicada,
uma isoneira *Cantopia*
com palavras eloquentes
e atabaques suaves
e violões sussurantes
e pandeiros delicados
em dezembrina cadência
de saber-se brasileiro,
na espera de novodia
no cantoar da poesia
para a menina pirralha
Greta de nome e voz forte,
em defesa do ar depurado
no futuro da terrabola
onde habitamos ainda.

(Cantopia!, Arpurino!, arpurino!)

Vozes – Idosos – Jovens





III

(Utopia!, Noitedia!, noitedia!)

(Cantopia!, Melodia!, melodia!)

(Utopia!, Floradia!, floradia!)

(Cantopia!, Rebeldia!, rebeldia!)

(Utopia!, Alegria!, alegria!)

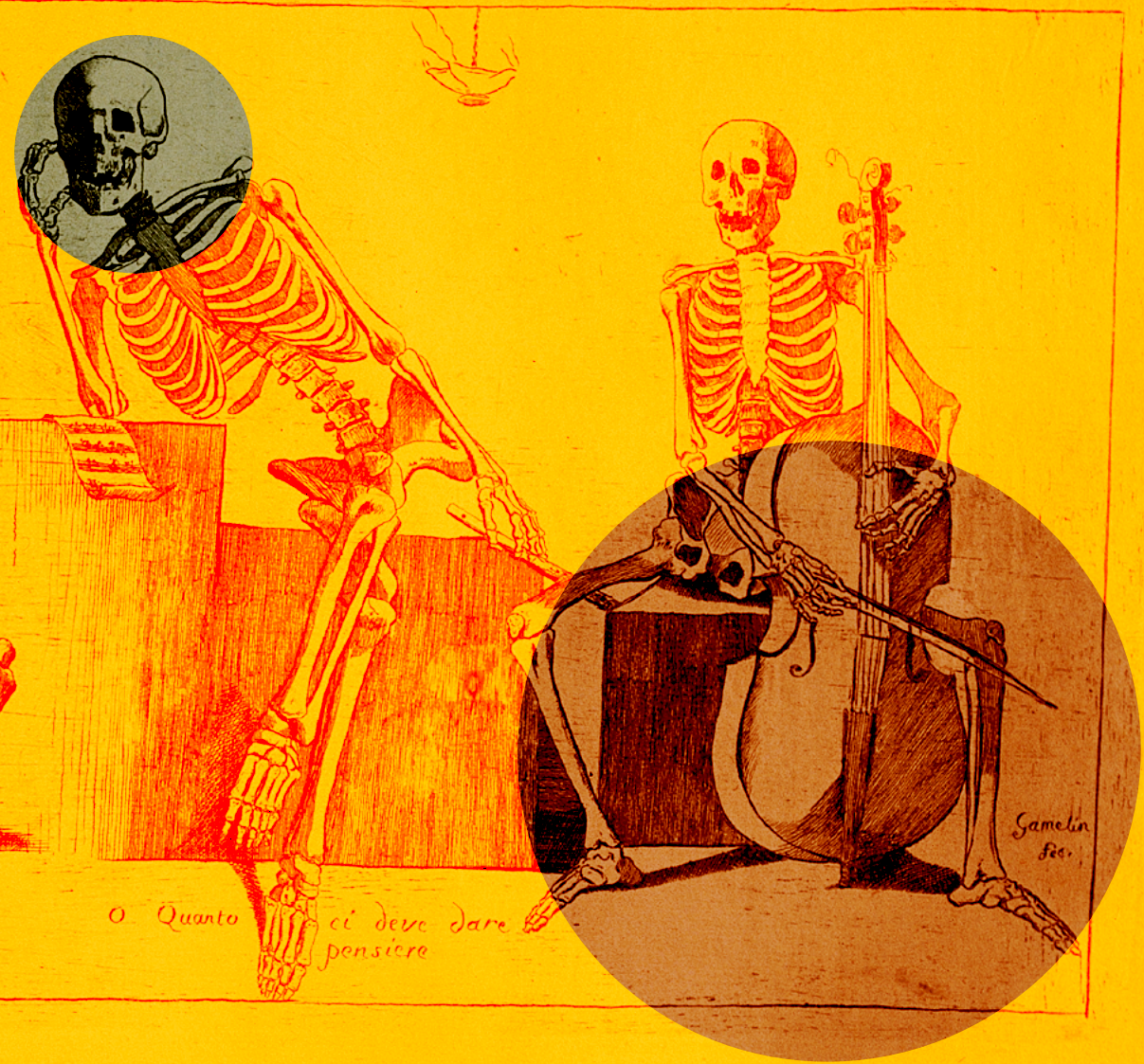
(Cantopia!, Arpurino!, arpurino!)

(Cantopia!, Gretaria!, gretaria!)

Vozes – Homens – Mulheres – Meninos – Meninas

Jovens – Idosos – Todos





O Quanto ci deve dare
pensiere

Gamelin
fec.



CANTOFUNDO

Para Juárez Paraíso, muralista baiano.



*Senhora de Boipeba,
Yemanjá dos Abrolhos.*
Mães, protetoras e zelosas:
Pretas, Brancas e Azuis!
Dona de todas as coisas,
das pedras e seixos
das ondas e areias
das conchas e búzios,
dos bichos das águas,
dos sítios de corais
dos espelhos dos mares
dos laços dos oceanos,
dos traços das correntezas,
dos sargaços das marés
das redes dos pescadores
das jangadas decididas
das tormentas e ventanias
dos naufragos e afogados
das velas pandas rasgadas
das caravelas perdidas
e dos fogos de Santelmo
*Yemanjá de Boipeba,
Senhora dos Abrolhos.*



Divindades cultuadas
guardem as naturezas
do mar, dos rios e mangues,
defendam as boas gentes
deste óleo tão maléfico
que mata onde aparece,
que empobrece e adoce;
e protejam as nossas vidas
contra os imprevidentes
contra os incompetentes
contra os falastrantes,
contra os mentirantes
contra os politicantes
contra os gananciosos,

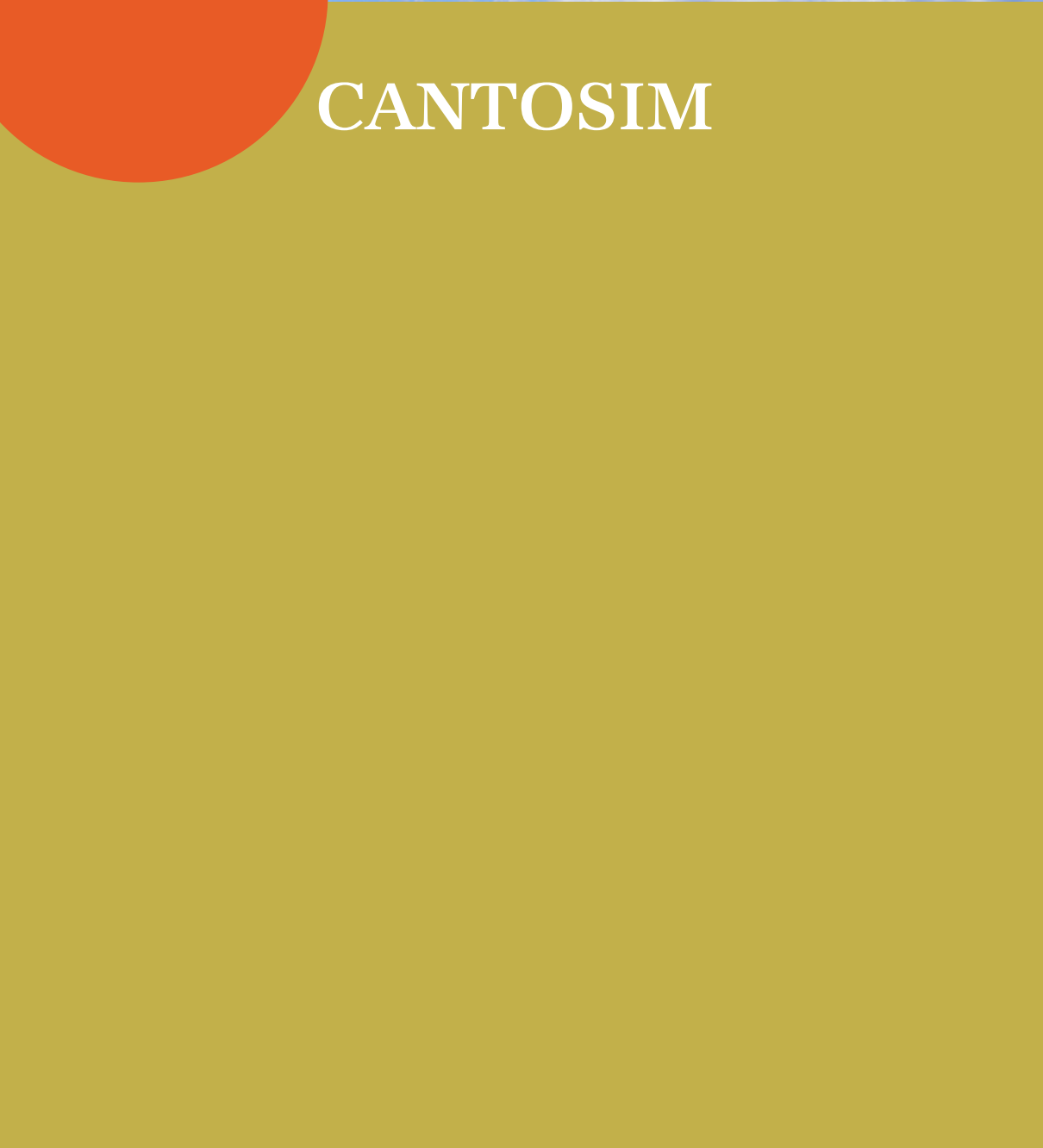




e afastem de nossas vistas
os entes dos males feitos
que possam nos enganar,
nesta terra onde nascemos
e queremos viver decentes,
para o dia que nos couber
cumprir o devo e o tenho.
E assim dizemos contritos
aos *Santos* e *Orixás*
uma reza com misturas,
e um adeus de despedida
com tambores de retornar,
e cantos de alvorecer.



CANTOSIM



I

Este é um pedido
fácil de cumprir,
mesmo que eu não tenha
terno da cor do céu.

II

Quero ser
um cadáver limpo,
vestido de azul,
pronto para o crematório.

III

As cinzas terão guarida
em lugar já escolhido,
na sombra e ar sagrados,
bem ao pé da imensidão.





IV

Saudades, bem muitas, terei,
ao deixar todos distantes,
mas desejo muito pouco,
em tempos pandemizados.

V

Sei que posso perviver
na presença de outro eu,
que cuida da minha vida
na astronomia das horas.

VI

Urania de nome lindo,
pois também é Maria,
minha musa por *tododia*,
entre o acordar e o dormir.



Urania. Deriva-se do Grego *Ouranos*,
que quer dizer Ceo. He o nome de hũa
das nove Mufas, chamada *Celefte*, porq̃
affiſte à ſciência da *Aſtronomia*. Pinta-se
com veſtidura azul, (que he a cor do
Ceo) com coroa de eſtrellas, ſuſtentan-
do com ambas as mãos hum globo. *Ura-
nia, s. Fem. ou Uronie, es. Fem. Ovid.*
Acabeo felicemente a voſſa Urania.
Galhegos, Templo da Memoria, liv. 4.
Eſtanc. 194.
URANOSCOPO, ou Uranoſcopon. De-

VII

Este é meu Cantosim
de seis quartetos afinados
e vinteum versos finais
onde é cabível redizer
neste poema amatório
revestido de emoções,
palavras de afirmação
que estão explicitadas;
outras também brotariam
de um dicionário *cantocheio*
onde elas vivem escondidas
para os versos revelados
de um bardo convencido
da importância de gritar
que o amor é alimento
para o viver e o sonhar,
nas rondas do *coronavirus*,
(malsão veneno da peste)
com Urania de mãos dadas
protegidos dedo a dedo
ouvindo música de Bach
e lendo poetas idosos:
*uma brisa resvala
com tremor perdido
na noite varandada
onde grilos converseiam
e vagalumes luminam.**



*Otão Peretz, c-1222

CANTOGRANITO





I

Na *Beira-Baixa* um castro lusitano,
guarda seu corpo, inteiro e forte,
e mostra suas vestes de granito negro,
batidas aos silvos de brava ventania
que estremece e doideja no ar beirão;
Monsanto, aldeia firme em suas alturas,
grifa em meus olhos belezas ancestrais.
Passo a passo eu perneio os calcanhares
para alcançar as pedras de um castelo
plantado no alto, denso e escurecido,
na crista de um monte frio e nevoento,
que foi de lusos, romanos e mouros,
e dos *Templários*, brutos cavaleiros,
na ciranda violenta de cruéis batalhas.





II

Meu olhar não decifra pedras habitadas,
mas escuto os ruídos dos muitos aldeões
de antanhos tempos, sempre guarnecidos;
velhos e velhas, meninos e meninas,
soldados e soldados, mulheres e mulheres,
dia e noite, ao rés das rochas vivas,
enquanto os mais velhos e prestantes
cumpriram vigilâncias, afiavam armas,
cerziam mortalhas, rezavam a Santo Antão,
curtiam sedes e fomes e carências outras,
plantavam os grãos e aguardavam as chuvas,
labutavam com ordenhas e colhiam frutos,
dormiam do por do sol ao vindodia,
na espreita do inimigo *castellano*,
na fronteira rastreante do solo ibérico,
entre *portucale* e *hispania* por fazer,
na origem dos reinados advindos.

III

Agora *Mons Sanctus* confia seu mistério,
ao dar pousio aos estranhos deslumbrados
com o suspiro sonolento dos rochedos,
e a lua que esbate em pura poesia
nas sugestões indizíveis das palavras,
de um casal viajor nas estranhuras,
que escuta a gritaria das refregas
e carpidos empedrados nos fraguedos.





CANTOBIO





I

Este trinar é assobio
agudo, forte e no fio
de um vero *Menuridae**,
(nominata latinoculta),
do prodigioso pássaro-lira
de australiana linhagem;
um cantador apurado
das músicas da natureza
e mais ainda vocalista
imitador indignado,
com os ruídos da cultura
(buzinas, alarmes, motoserras)
e outras bugigangas tantas,
maquinações do nosso invento
que atordoam as cidades
e destroem nossas florestas.



II

Eu não sei se cantobem
ou cantomal, versejormais
ou versejomenos, mas sei que há
um vivormais e um vivomenos,
um diamais ou um diamenos,
(amanhecendo e anoitecendo)
e uma vontade de gritar
ao aguardar o biotempo,
marcar o compasso da vida
e o esvair do nosso corpo:
a triste hora da nossa morte,
boamorte ou malamorte.

Canto do Pássaro-Lira*

<https://www.youtube.com/watch?v=AwxvjrbEkTg&feature=youtu.be>



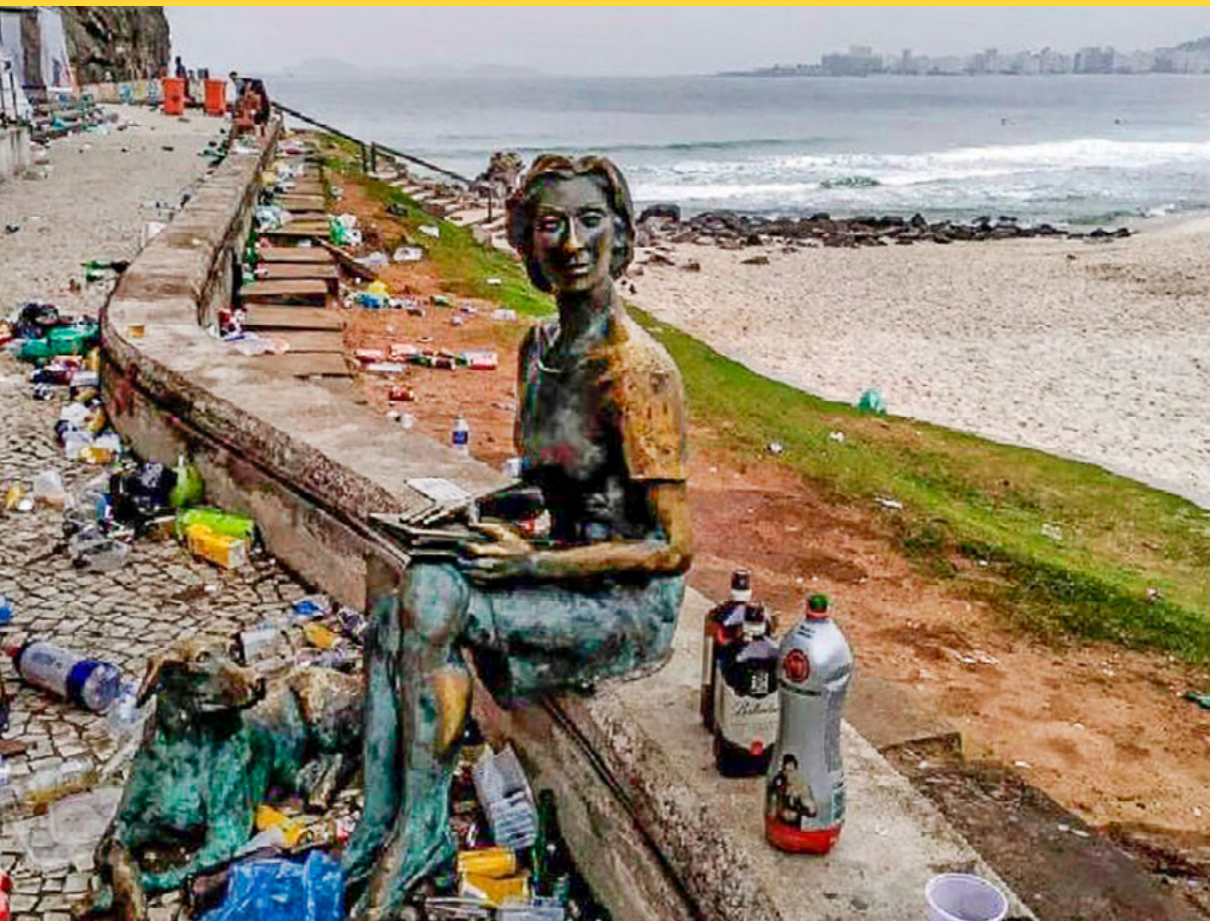




CANTOGRITO

*O descalabro visível,
com os valores da pátria.*

Mário Baldoni - 1936
Risco na Porta



Aonde está Clarice?*

Ora vejam só,
a nossa Lispector
a linda mulher
luz dentro do peito,
que tanto escreveu
sobre a vida e o amor,
hoje sentada está
com seu cão Ulisses
no seu centenário,
em estátua ao relento
no caminho dos pescadores
no bairro do *Leme*,
seu recanto da uma vida
no *Rio de Janeiro*
(*cidade maravilhosa?*)
cercada de lixo,
e monturos sujos.

E disse Clarice
em dia escaldante
no verão carioca,
- assim penso que foi
com voz raivosa -
“Não, não, o mundo
não me agrada”.

A mulher que escreveu
O Rio de Clarice, livro
de amor e apologias
a uma alegrecidade,
(*cheia de encantos mil*)
não merece este abandono



na sua diária paisagem
que dava-lhe a brisa do mar,
o sol nos cabelos soltos
as ondas nos pés desnudos
e o sal nos olhos ardentes,
em seus verões domingueiros.

E Clarice espanta-se então
com meus líricos devaneios,
ao acentuar bem tristonha:

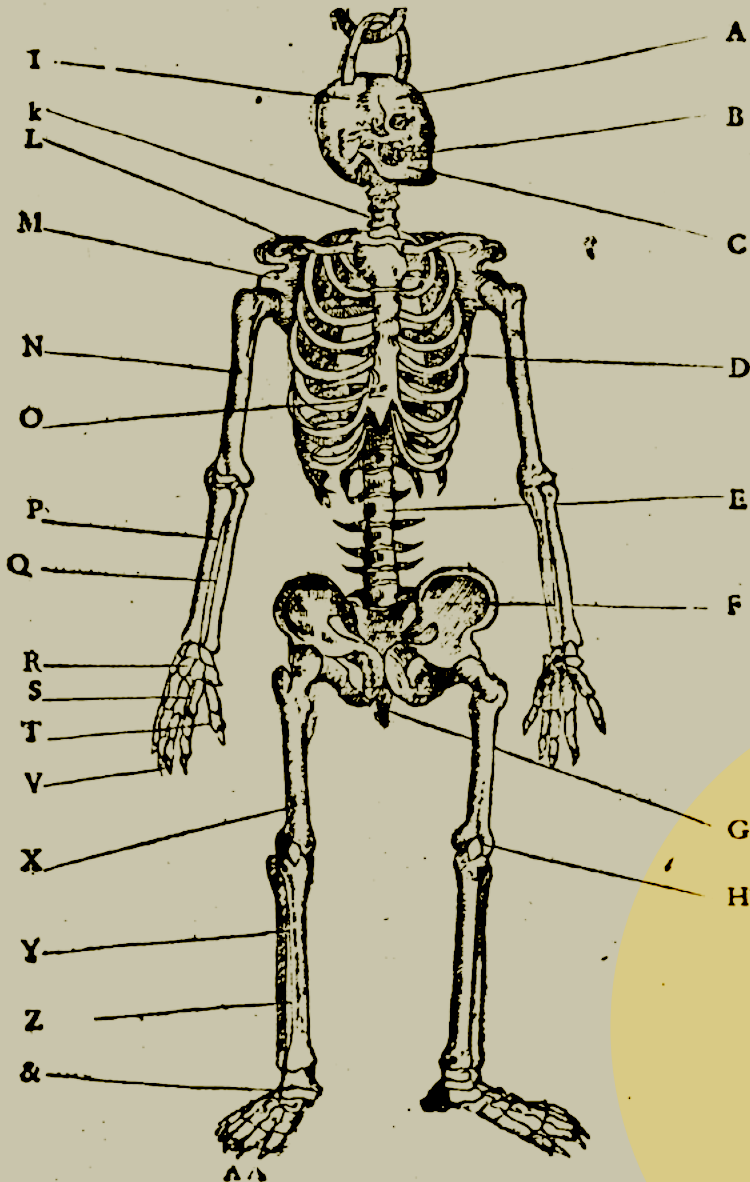
“Estou por assim dizer
vendo claramente o vazio”.

E a escritora nos ensina
que O RIO não corre mais.

* A foto da estátua de Clarice Lispector é da autoria do jornalista Celio Albuquerque



Portrait de l'amas des os humains, mis en comparaison
de l'anatomie de ceux des oyseaux, faisant que les
lettres d'icelle se rapporteront à ceste cy, pour
faire apparoitre combien l'affinité est
grande des uns aux autres.



E ANTIGOS POEMAS

*Diz qualquer coisa.
Faz alguma coisa.
O silêncio é cúmplice.*
Lawrence Ferlinghetti

*Speak up.
Act out.
Silence is complicity.*
Lawrence Ferlinghetti



QUESTIONÁRIO

É inútil a palavra
quando da carência
nutre-se um homem,
digerindo burlas?

É inútil o herói
- quase novelesco -
sem aquele átimo
de grave silêncio?

É inútil o aceno
(breve entendimento),
quebra das mordanças
que nos impuseram?

É inútil o poema,
se ficamos mancos,
e o ódio espreita
nossas fabulações?

É inútil o discurso
(nunca em balbucio),
e este interrogar
que nos compromete?

É inútil o amanhã
mesmo sem vislumbre,
mas que seja claro
ao poder senti-lo?





UM E OUTRO

ad libitum

*Não tinham propriedade –
Um era a fazenda do outro.
Castro Alves, Gonzaga, 1867*

*A poesia algemada algema a raça humana.
Lawrence Ferlinghetti*

*Poetry in handcuffs handcuffs the human.
Lawrence Ferlinghetti*

Um era a cor do outro,
Um será a igualdade do outro.

Um era a mão do outro,
Um será a cabeça do outro.

Um era a reza do outro,
Um será o grito do outro.

Um era a falta do outro,
Um será o aceno do outro.

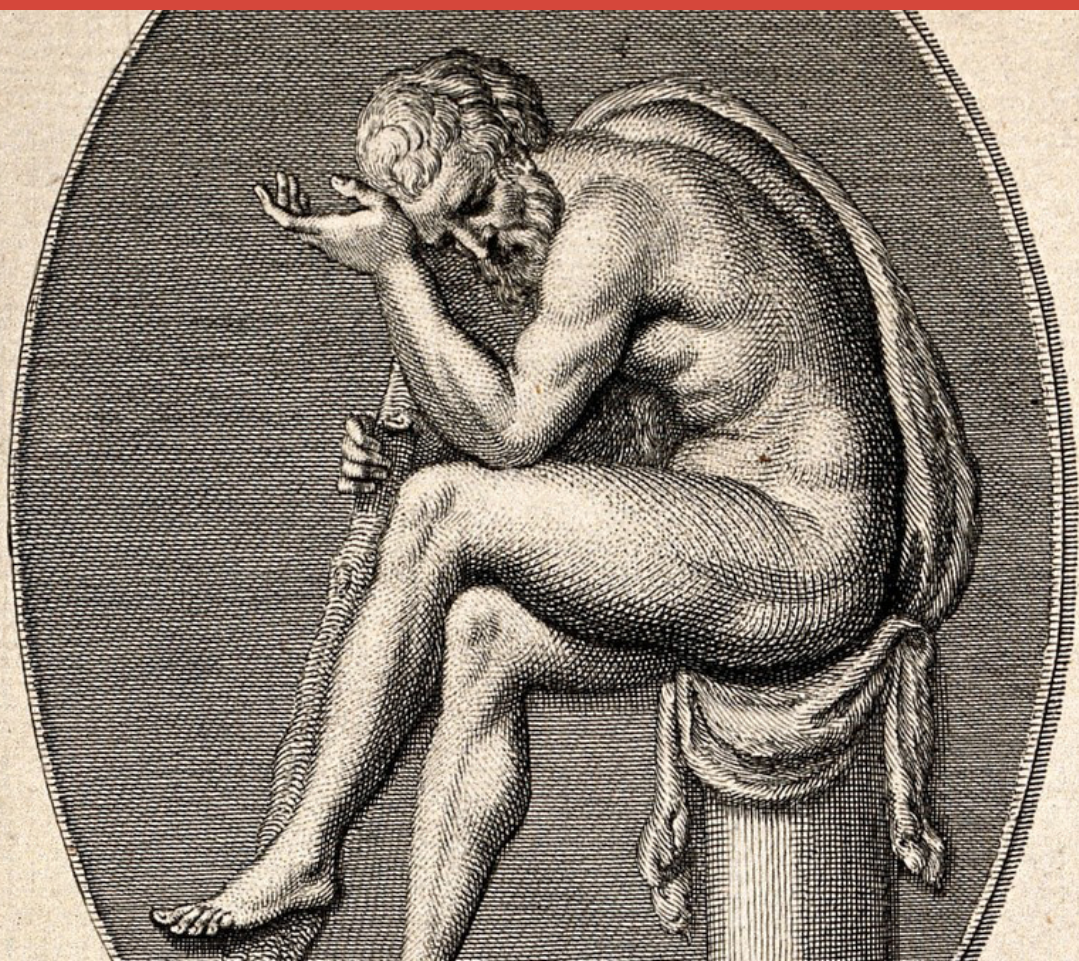
Um era o labirinto do outro,
Um será a liberdade do outro.

Um era a fome do outro,
Um será a colheita do outro.

IO RELEITURAS

É preciso reler o poema que afirma e interroga.

Fernão Peretz, 1957



Em que canto da casa,
com poemas e música, quero esconder-me?
Em que afago do teu corpo,
no encontro de coxas, quero aquecer-me?
Em que lugar da criação,
no ninho das palavras, quero revelar-me?
Em que pauta das papilas,
com vinhos do *Douro*, quero tontear-me?
Em que refúgio da terra,
na *Viseu* medieva, quero perder-me?
Em que instante da velhice,
com lúcida espera, quero despedir-me?
Em que fuso da vida,
Átropos silencia, quero ausentar-me?
Em que tacho do inferno,
Astaroth decide, quero expiar-me?
Em que nesga do céu,
Bellatrix aconselha, quero deslumbrar-me?
Em que asa de arcanjo,
São Miguel acolhe, quero salvar-me?



RES/PÚBLICA

*Bem, ó doutíssima Diotima, essas coisas
é verdadeiramente assim que se passam?*

Platão, O Banquete



A mesa na varanda
(senhorial e atulhada)
continua posta.
Facas e nacos,
garfos e beiços,
muitos e tantos copos:
pois a sede é artesiana.
Nas tigelas, não cabe a fome,
pois há que renovar as fezes.
As viandas elétricas,
peixes sutis
e massas tácteis,
frutas ávidas,
doces indóceis,
queijos pobres,
caldos e molhos,
vinhos sem casta.



Leia o cardápio do dia!
E os enormes guardanapos
(feitos de lençóis e cortinas)
são crachás diplomáticos
no pescoço dos comensais.
Onde estão os garçons e o escanção?
Mais e mais e mais
frutas do oceano
bichos da terra
legumes exóticos
bolos mortais.
AGUARDENTES.



A mesa na varanda
(paquidérmica e farta)
permanece acesa.

Velas e tetas
caras e cães
mãos e panelas
bofes e bocas
candeias e bundas.

Onde foram os garçons e o escanção?

Pratos e pratos e patas.

Debaixo da mesa os ratos e ratas.




UMA CIDADE/1549

Para o arquiteto Luís Dias, que deu seu traço.



Uma cidade não se explica, é.
Ela respira e cresce
como uma colcha de retalhos.
Não basta definir o seu lugar,
engenhar o seu quadrado,
levantar as defesas, criar galinhas,
pois uma cidade rompe o chão e portas,
mesmo sabendo dos tupinambás.
Esta cidade saltou seu muro e traço,
o fio das suas águas,
um dique anterior.
Ao decifrar uma cidade,
sotoposta memória sem lições,
é preciso invocar gentios, lusos e nagôs;
rastros de línguas, peles de guerreiros.
Uma cidade fica hostil,
malsina os homens
e o barulho que fazem:
as charruas que aportaram
com sua mercadoria de escravos,
os aviões que a sobrevoam
com todas as bugigangas
do comércio.
Uma cidade vive
com seu pulmão de árvores.
Esta cidade ao mar deitada
recebe a maresia como uma dádiva
de um sal que é seu
e corrói as fechaduras.






Uma cidade é sol, é chuva:
inundação de suor e barro descozido,
lamacento amargor, luz varada de pingos
e casebres nos despenhadeiros.

Esta cidade sofre e estrala:
tudo pode sentir na noite
encoberta com o manto dos mendigos.

Uma cidade é teia
e deseja o horizonte
no espaço de uma centopeia,
esgueirando-se.

Uma cidade detesta o sobreposto cimento
e todos os que estão nas caixas,
em seus elevadores.

Esta cidade ama as abelhas
e o vento que passa, tépido;
e a brisa marinha dos mormaços,
frutos de Espanha e baleias.



Uma cidade assim é *Salvadolores*
que sente como descrevo,
pois sei os seus manejos,
desde o tempo de Gabriel Soares de Souza.
Uma capital assim já foi, é.
Será esta cidade igual a nenhuma,
lugar como não existe
no mapa e só na imaginação,
nos becos do meu delírio?
Esta cidade que foi uma vontade
quieta e assentada sobre a falda
da verde encosta,
cidade recomposta:
grinalda de telhados na *Baya*
de todos los sanctos,
mapeada em traço quinhentista.
Não se explica uma cidade como ela é:
feita de odores, ladeiras e sibilos.

CRIAÇÃO

(d'après Saramago)



Do sopro ao forno,
o homem e as coisas
feitas: cabeças
e panelas, de barro.
Deus e os oleiros
sabem a ciência
das mãos moldantes
das massas cozidas
das chamas perfeitas.
Um oleiro nos fez
no sétimo dia, deidade
maior e genesíaca, de um
barro primitivo, um sopro
e o calor de um desejo.
E nada deu certo,
pois o homem
trincou a cozedura.



SEGUNDA VERSÃO DO ANTIPOEMA

Para Carlos Nelson Coutinho, amigo sempre.



Este é o antipoema
dardo no versejar.
Mais que fuga do lírico,
é lúcida definição.
Certamente procuro
a cinzenta metáfora,
para um tempo surdo e obscuro.
(A lição dos poetas
agoniza nos manuais.)
Há um silêncio grave
um esvaziamento
uma guerra
uma bestialidade que se insinua.
Este é o antipoema,
seta no alvo, na palavra.
Mais que medo dos homens,
é lírica denúncia.



Dentro do dilúvio
o poeta naufraga.
Ainda não é o fogo,
mas a língua arde.

Seus poucos utensílios
– grave vocabulário,
livre clavicórdio –
serão abandonados
por novelo mais difuso
de alegórica imaginação.

Aquoso itinerário
– velame aos quatro ventos –
Sem porto de saída
e chegada nenhuma.

Antes o eterno projetar
dos homens, como um signo.
Animais enlaçados
sem qualquer metafísica.
Caminhos arquitetados
em idêntica topografia.

Agora o vôo mais cego
do pássaro menos pássaro,
pois não existe o pouso.
O sermão efêmero
do profeta menos profeta,
quando não há ouvidos.



O poluir mais ácido,
de toda a mensagem
de nossos sentidos
de toda a linguagem,
como um estrondo.

E não há quintal,
ou ilha, que se saiba
pastem mansas ovelhas.
Com quem poderemos ter
ao menos um só balido?

Do reino mineral
– onde a verdade
fixa sua engenharia –
não restará liame
ou veio definido.

Quando as flores – corola
aberta ao conversar
da primavera –
poderão nutrir abelhas
do mel que identifica?

Se este clima único
(incessante saraiva)
perdurar sempre,
seremos enregelados
sem o verão de discordâncias.

O didatismo poético
já não revelará
lições de botânica,
de vida.

Mais que o medo
- ou náusea -
há a morte irreal,
antevisão
de mil leões
loucos
na chuva,
sentindo a proximidade do abismo.

Dentro do dilúvio
os poetas naufragam
com leões imaginários.
Temporariamente.
Depois virá o fogo,
e as línguas serão de cinza.



CANÇÃO DO AUTÓEXÍLIO

(NOVA VERSÃO)

para Antônio Oswald Gonçalves Dias de Andrade.

Esta terra tem bananas,
boitatás grandes, quitandas,
onde as sombras dos matagais
escondem contendas e marreteiros.
Nosso céu cheio de cúmulos,
nossos sapos, luas, várzeas,
tudo assim pleno de nimbos
relembra trabalho de escravos,
encobre cacas e fomes plúmbeas.
Não deseje, Pã, que eu dure,
muito tempo sem voltar, ao rincão
da selva queimada, ao berço dos laranjais.
Ah! Sabiá, não permita que eu descure
do progresso proclamado, das entradas
e bandeiras, mortandades sempre amém,
e da gente sem ter vintém.



ORANAÇÃO

(Circunstancial e patriótica para ser dita e tocada e cantada em templos, estádios, passarelas e escolas)

2004 - 2020

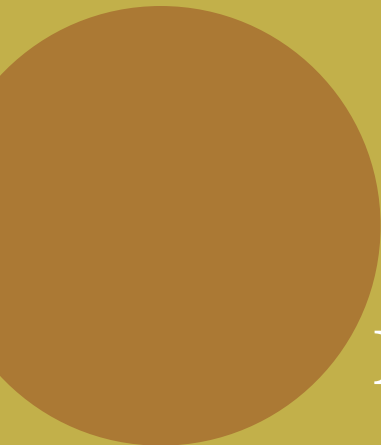
Pai e *Senhor!* Não tenho fé
no meu lugar, se os homens
que o (des)governam, mentem
e garganteiam tudo, tudinho, oh!
carnavalescamente impunes, ah!
Senhor, senhorzinho de nossa, uh!
alma, cordial e conveniente calma.
Senhor, bom *Senhor*, estas palavras
não valem? Elas são uma carpidagem
e uma preocupação, “bomfim” do
Senhor, menino ou grande, no ventre,
na cruz; *Sinhô!* não me censureis!
Senhor, recaia sobre nós a vossa piedade,
pois amamos nosso chão e pássaros,
árvores e águas e flores e gentes e
acreditamos em vossa bondade, assim,
de dois mil céus e infernos, representados.
Senhor! o orgulho e a fé estão
em nosso rincão, no trabalho nosso
de cada dia, e, se fome há, um pão
não basta, pois há o desemprego e
o desamparo crescente como urtigas,
e a culpa não é nossa: ó *Senhor!*
sabeis mais que anjos e demônios.

E se não temos saúde e terra,
nos daí hoje e perdoai, dúvidas,
educação também, *Senhor!* Tudo
complica-se, *Senhor!* pois não castigais
mais a ladroagem, oh! *Senhor*, nos
templos outros desrezantes dos homens.
Senhor! sabes que não somos nós, os
bobalhões que estamos abaixo na
planície: plenos de fé no *Senhor?*

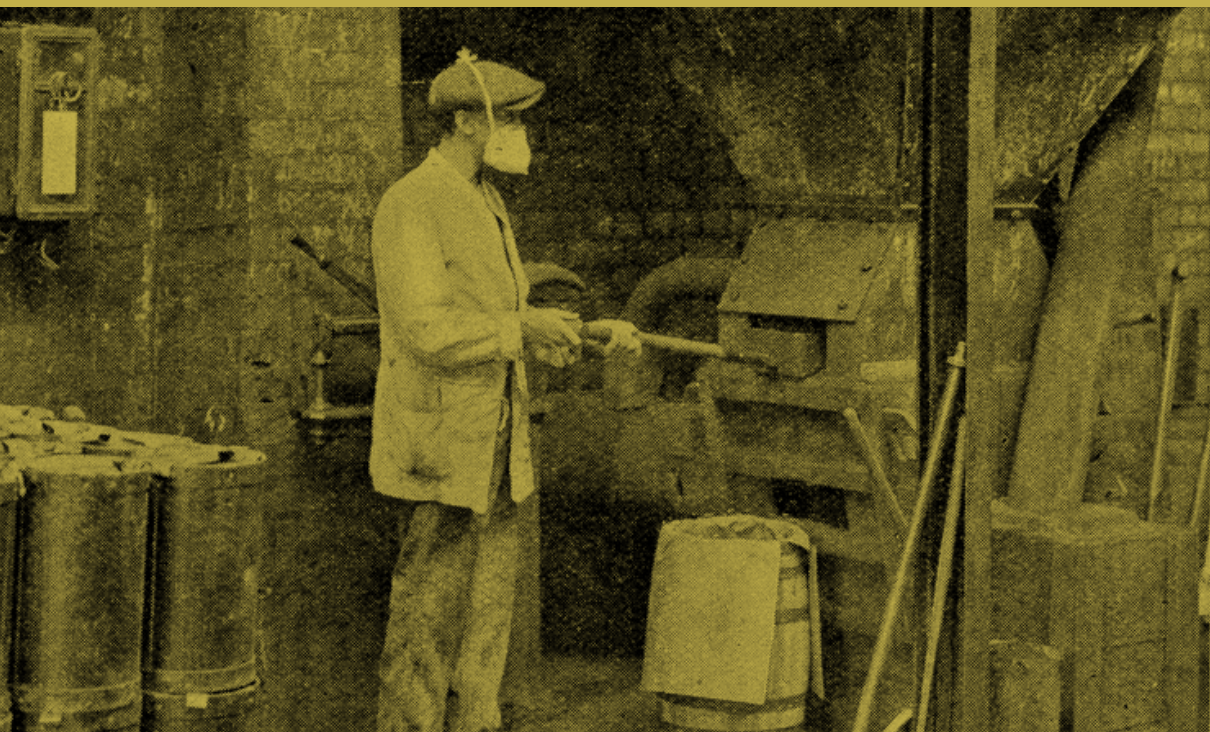
E não temos moradia, dia a dia,
nas soluções da vida prometida, retida.
O nosso futebol, *Senhor*, nossa glória,
e o samba são alegrias e passageiras:
quando a vitória bate à porta
e o batuque sacode a aorta.

E o ser alegre impõe os requebrados,
forças sazonais nos pés somente, hábeis.
Senhor! não temos fé, se morrem muitos
meninos e mendigos, não temos fé, *Senhor*,
se vendem as coisas públicas: a luz, água,

telefonía, ferro, soja, riquezas tantas,
petróleo pra que te quero,
se a segurança não há, todas,
nem nos quintais e ruas e portas.
E tudo pagamos, *Senhor*, depois ao alieno,
(além dos impostos e taxaões aqui e ali)
estrangeiro, estranho, outranho,
que cobra juros de requebrados tantões,
os quais, *Senhor*, não cometemos.
Piedade, *Senhor*, se nos queixamos assim,
mas não queremos cair em tentação,
de um dia, *Senhor!* juntos, povão
e irados, cometermos o pecado da ira,
doidamente praticada por aí, *Senhor!*
Perdoai, *Senhor*, se imprecamos nus,
mas vestidos com a nuvem da paz
- até Quando *Senhor?* -, crua paz, voz
cruenta que nos sufoca e faz e refaz
da poesia o estandarte roto do nada,
por enquanto, *Senhor!* Amém, *Sinhô!*

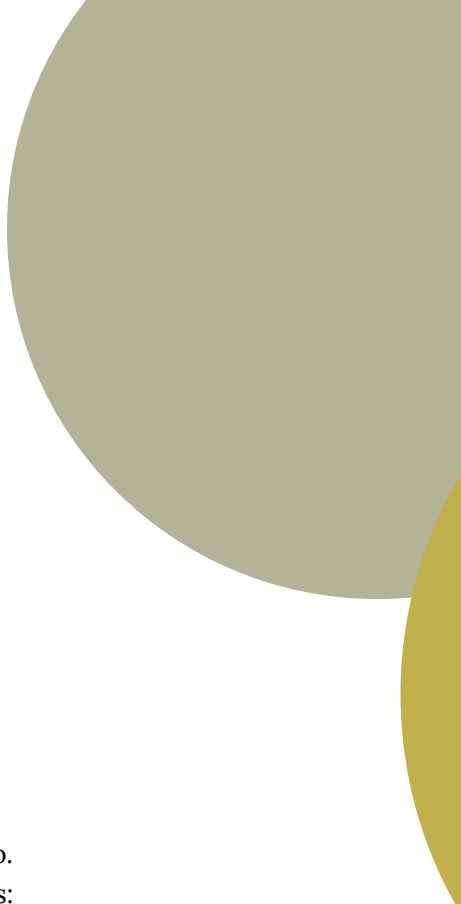


MANDADO

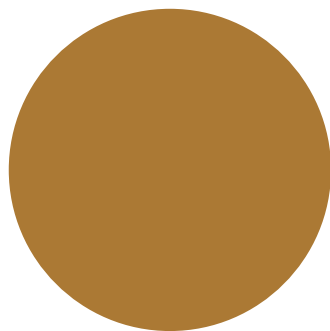
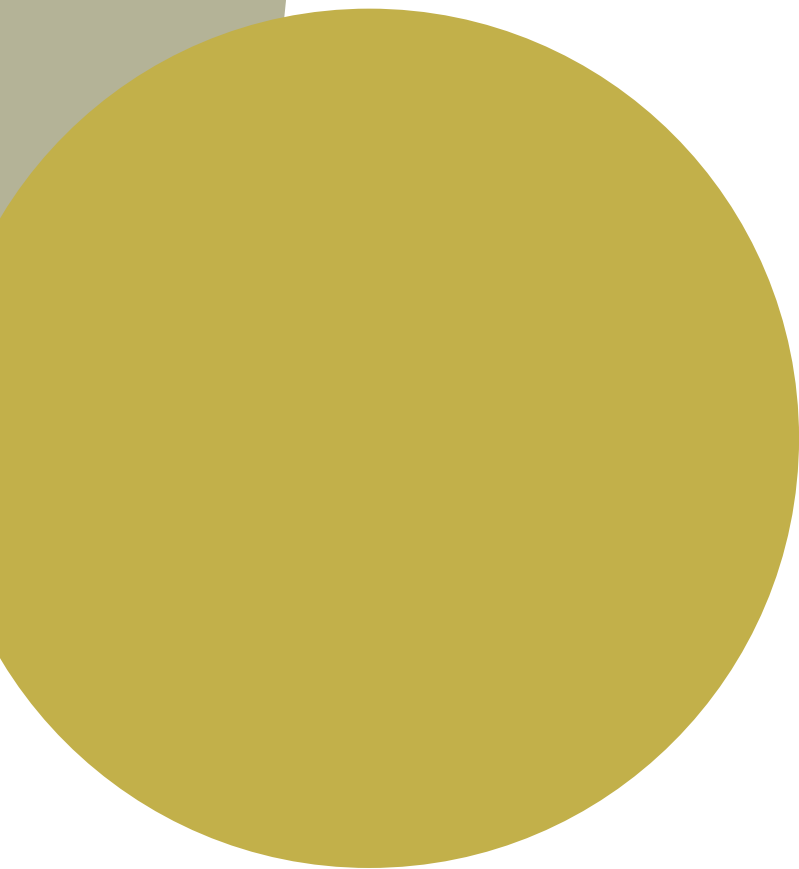


Leio uma bula
de terras e posses,
(gentes submissas)
ditado de fé,
cruel, no mundo
desconhecido
e
(des)coberto
ou
acobertado.

Hoje as bulas
são outras,
no cotidiano das
doenças dos homens.
Receitas do capital
volátil, as bulas
ditam as fomes
endêmicas.



Roteiro dos malefícios
acrescidos
para a cura do corpo,
as petas ilegíveis,
interativas
de letras miúdas,
assustam
a alma dos viventes
sonâmbulos, sem remédio.
Leiam as medicamentosas:
elas não trazem poesia,
mas rezam combinações
de fórmulas para o domínio
dos vultos desnudos,
no frio,
doentes!






CANTAR ASSIM



Sim. Acabo de escrever os meus 13 *Cantos* ou um *Cantorio*, com cantares e cantareios em deságuas, encantos e desencantos, nestes tempos de pandemia, em dias empestiados, por um virulento *vírus* que no nordeste do meu país é um “cabra da peste”, arribado das chinas, das itálias e franças, não das bahias, como se fosse um “diabovide”, como ouvi dizer em roda de vaquejadas, dentro da caatinga do mato de dentro, no sertão além do mar, nas terras de Canudos, do Antonio Conselheiro, que dizem há de voltar como Dom Bastião voltou um dia daqueles, com a sua força e falatório de aliciador e pregador para homens valentes e valerosos, atacadores e atracadores com facas sertanejas, e faces de fomes e astúcias, para redizer a história.

Assim digo e mais farei para posfaciar este livro que será audiotado, aerizado e imantado (viva o livro físico!) nas nuvens estelares e satelitares, um veraz *nuventival*, contra correntes de ares intempestivas maleitas pornofônicas, bestejanças ministeriais e pestiais discursos. Mas e mais farei ainda, se o paciente leitor permitir, dando 4 (quatro) “respostas?”, em um único respondimento, ao jornalista que somente busca aclarar o competente Marcos Dias que me inquisitou, como agora tento resumidamente sintetizar:

(?) porque um livro virtual e como seria o diálogo entre os poemas do *Cantorio* com os *Antigos Poemas*, qual a minha ética e meu pensar sobre o mundo em linha de escrita poética, que critério seletivo pratiquei para antologar poemas de ontem e juntá-los com os de hoje, tendo eu publicado uma antologia pessoal, quando entrei na oitentonidade, a qual intitulei de *Veza a Veza*, e não promovi ainda o seu lançamento físico.



Avalio que sou um velhote dentre os oitentões que ainda faz uma **poesia da insurgência**, que na juventude participou de um grupo de rapazes e moças contagiados pela insujeição existente e pulsante nas letras e nas artes, especificamente ainda interessados com a postura e a produção dos modernistas de 1922, com o nacionalismo de o petróleo é nosso, com o desenvolvimentismo da SUDENE, com a vigência cultural da Universidade Federal da Bahia, do Clube de Cinema, do embrionário Museu de Arte Moderna da Bahia, nos escombros incendiados do Teatro Castro Alves, onde ocorreram montagens teatrais bastante inovadoras, com a Escola de Teatro da UFBA, e também concertos de música clássica, assim como exposições no *hall* do teatro, instituições então lideradas por Edgard Santos, Walter da Silveira e Lina Bo Bardi, personalidades fortes, ideologicamente divergentes, mas positivamente operosas, conviventes no saber, com a plantação de frutos culturais, idéias, esperanças e ideais nas cabeças dos então jovens e interessados espectadores desta cidade, por mim hoje rebatizada *Salvadolores*, todo um conjunto de princípios esboroados, arrelaçados e empuxados escada abaixo, como foi em 1964 e agora pinta de novo que pode ser igual ou pior.

Sim. Acabo reticente, sem muita aclaração ao perguntado, para não esgotar o meu palavreio, discurseira ou como hoje é dito “narrativa”, pois ainda vou exhibir as minhas caixetas de letrinhas, ou VERBOCAIXETAS, que as tenho para dar a conhecer em drágeas poéticas do Fernão Peretz:

DOZE VERBOCAIXETAS

Curtir o nada
para sentir
o tudo.

Saber o verbo
para escrever
o poema.

Navegar o
oceano para ter
o profundo.

Praticar o voto
para exercer
a cidadania.

Reconhecer a
diferença
para democratizar
o governo.

Usar a letra
para fazer
o letrado.

Acabar o poema
para descansar
a musa.

Aboiar o canto
para espantar
o medo.

Lembrar a vida
para buscar
o passado

Ter os oitenta
para recontar
os dias

Esperar a morte
para encontrar
o eterno.

Pensar o futuro
para sonhar
a esperança

© 2021, Fernando da Rocha Peres.

Imagens:

Pexels

Unsplash

Wellcome Collection. Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Wikimedia Commons

Bandas sonoras para Cantovamos, Cantovida e Cantobio a saber:

<https://www.youtube.com/watch?v=KTKVgaY56NI&feature=youtu.be>

https://www.youtube.com/watch?v=O2S_o55WB20&feature=youtu.be

<https://www.youtube.com/watch?v=AwxvjrEkTg&feature=youtu.be>

Peres, Fernando da Rocha.

Cantorio e antigos poemas / Fernando da Rocha Peres. – Salvador:

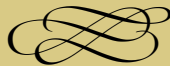
Edições Égua Dor, 2021.

106 p. ; PDF.

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1

Elaborada por Sandra Batista de Jesus – CRB-5/1914



No dia 20 de fevereiro de 2021 foi concluída a formatação do *Cantorio e Antigos Poemas*, Salvador, Bahia, Brasil, editado pelas edições Égua Dor, em processo digital, com autoria textual de Fernando da Rocha Peres, concepção e ilustração da capa de Eidi Feldon, desenho gráfico de Gabriela Nascimento, digitação de Bruno Lopes do Rosário e revisão de Caio Pio Ramilhete.

